

Carta Política

Edição 27 – Sexta-feira, 10 de julho de 2020

O presidente e o coronavírus

O presidente Jair Bolsonaro, assim como mais de 1,7 milhão de brasileiros, foi contaminado pelo coronavírus. Desta vez, o teste, com o nome e sobrenome do presidente, deu positivo e foi exibido rapidamente para todo o país.

Felizmente, tudo indica que o presidente não terá o destino dos, por enquanto, quase 70 mil concidadãos que perderam a vida por causa do famoso vírus. Até o momento, para Bolsonaro, a covid-19 está mesmo mais para uma “gripezinha” do que para uma enfermidade grave e, para muitos, até letal.

Talvez isso explique a perceptível animação do presidente ao anunciar o seu encontro com o coronavírus. Nas *lives* feitas por ele não há traço de preocupação com sua saúde. O presidente está visivelmente contente, quase eufórico. Não quer alarmar a população, explica Bolsonaro, enquanto propagandeia os, segundo ele, efeitos benéficos praticamente instantâneos da hidroxiclороquina.

A defesa inclemente da hidroxiclороquina, a despeito das reticências crescentes da classe médica e científica a respeito da utilidade da droga para combater a covid-19, foi uma das marcas de Bolsonaro e seus seguidores durante a pandemia. Outros fatores contribuíram, mas a resistência à prescrição generalizada da hidroxiclороquina foi uma razão importante para a queda de dois ministros da Saúde no meio da pandemia.

A crítica ao isolamento social, os ataques a governadores e prefeitos responsáveis pela adoção da quarentena, a recomendação de que o comércio, indústrias e até escolas fossem prontamente reabertos, a aversão à utilização da máscara, a falta de preocupação com a aglomeração de pequenas multidões a seu redor em manifestações e a pouca preocupação em demonstrar empatia em relação às vítimas fatais da covid-19 também caracterizaram o comportamento do presidente desde a chegada do coronavírus no Brasil.

Foi também durante a pandemia que se viu a face mais radical de Bolsonaro presidente. Nas manifestações bolsonaristas domingueiras, por ora tranquilizadamente interrompidas, Bolsonaro flertou retoricamente com a ruptura institucional e invocou o apoio do “povo” e das Forças Armadas para dobrar os demais poderes, ou, na justificativa governista, para evitar que o Legislativo e, principalmente, o Judiciário invadissem o campo de atuação do Executivo.

Considerando o conjunto da obra, Bolsonaro desperdiçou uma chance enorme de se fortalecer. A guerra contra o coronavírus catapultou a popularidade da maioria dos governantes mundo afora. Duas exceções notórias foram Donald Trump e Jair Bolsonaro. A situação do presidente brasileiro é melhor do que a de Trump. Embora a popularidade de ambos não tenha caído tanto assim – o que de fato piorou no caso de Bolsonaro foi a avaliação negativa –, Trump está às vésperas da eleição. Na bipartidária política americana, oscilações de alguns poucos pontos podem ser suficientes para definir a disputa eleitoral.

Naturalmente, nunca saberemos até onde teria avançado a popularidade de Bolsonaro caso ele tivesse adotado outra postura no trato com a pandemia. Muito provavelmente, estaria melhor do que hoje não apenas na apreciação dos eleitores, mas também em relação à sua capacidade de governar. Se, ao invés de antagonizar

governadores, prefeitos, lideranças importantes do Congresso e ministros do STF, tivesse assumido o papel de líder político dos esforços contra a pandemia, Bolsonaro estaria em melhor posição para coordenar o enfrentamento dos desafios da agenda política e econômica do (quase) pós-corona.

É difícil entender as razões que levaram Bolsonaro a adotar esse comportamento conflitivo em relação à pandemia. Raiva misturada com decepção por causa da interrupção da prometida recuperação da economia? Tentativa de se proteger dos custos da pandemia e de jogá-los no colo de governadores e prefeitos? Impulso de seguir os passos de Trump? Esforço para energizar seu grupo de seguidores mais ativos?

Talvez tenha sido uma combinação de todos esses fatores. Seja qual for a razão, do ponto de vista político Bolsonaro errou e sairá menor da pandemia. Porém, sobreviveu ao coronavírus, política e fisicamente.

Foi fundamental à sua sobrevivência política a decisão de se aproximar do centrão. O acordo com o centrão foi o primeiro passo para a decisão também pragmática e adequado de abandonar, ao menos momentaneamente, o constante tensionamento com os demais poderes e as ameaças veladas à estabilidade democrática. Importa pouco saber, neste momento, se houve autocontenção ou, o que é mais provável, se a moderação lhe foi imposta pela ação do Judiciário, pela evolução dos inquéritos e investigações que o rodeiam, pela reação da sociedade ou pelo risco de impeachment. Olhando para frente, o apaziguamento político lhe dará nova chance de exercer na plenitude possível a missão para a qual foi eleito: governar o país. Inclusive porque, num clima menos conflituoso, será menos difícil conter os danos que podem advir das várias investigações em curso envolvendo familiares e outras pessoas do entorno presidencial.

Caminhamos celeremente para mais de 100 mil mortos no país. Bolsonaro dificilmente sairá livre de sequelas políticas desse verdadeiro desastre. Contudo, a mudança de rumo feita por ele há algumas semanas o livrará de consequências políticas imediatas mais sérias. O encontro pessoal com o coronavírus muito provavelmente não lhe causará danos físicos e, tal como ocorreu com a facada, deverá servir para amenizar a sua imagem perante parte importante do eleitorado, além de apertar os laços com seus seguidores raiz, que estavam um tanto desanimados por causa da fase comedida de Bolsonaro.

Em suma, o saldo da pandemia será negativo para Bolsonaro. Mas, politicamente, ele deixou a UTI. Neste caso, não usou algo equivalente à hidroxicloroquina. Recorreu mesmo a remédios já testados e de comprovada eficácia: acordos partidários e uma dose mínima de pragmatismo e autocontenção.



Produzido pela MCM Consultores Associados exclusivamente para clientes. 2020. Reprodução Proibida.

Tel: (011) 4380-7700. Site: mcmconsultores.com.br e-mail: economia@mcmconsultores.com.br